

AS MULHERES ENTRE AS TRAMAS DOS TEARES DE ESCRITA NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO

*Mujeres entre las tramas de los telares de escribir en la obra
de Ana Maria Machado*

*Women Among the Plots Of Writing Looms in the Work
of Ana Maria Machado*

Meire OLIVEIRA SILVA

Universidade de São Paulo, Brasil

meire_oliveira@uol.com.br

RESUMO: A obra de Ana Maria Machado se afirmou pela escrita engajada em questões sociopolíticas que, cada vez mais permeadas por pautas interseccionais, continuam a mostrar seu compromisso de estar no mundo, vendo-o como uma mulher, sob diversas manifestações do feminino. «O Tao da Teia – Sobre Textos e Têxteis» (2003) é um dos exemplos de como essa escrita reverencia a produção realizada por mulheres desde a Grécia, o Medievo europeu até tempos e espaços mais próximos como os séculos XVIII e XIX, nas Minas Gerais repletas de tradições. Dialogismos memorialísticos e contemporâneos acerca desse protagonismo serão retomados; entre labirínticas tramas bordadeiras, tecelãs e fiandeiras ancestrais, através de estudos literários (Candido, 1995) culturais (Gonzalez, 2020) e de gênero (Beauvoir, 1949; Friedan, 1971).

Palavras-chave: Ana Maria Machado; mulheres; memória; narrativa; textualidade.

RESUMEN: La obra de Ana Maria Machado se afirma a través de la escritura comprometida con temas sociopolíticos que, cada vez más permeados por pautas interseccionales, continúan mostrando su compromiso de estar en el mundo, mirándolo como mujer, bajo diversas manifestaciones de lo femenino. «O Tao da Teia –Sobre Textos e Têxteis» (2003) es uno de los ejemplos de cómo este escrito venera la producción realizada por mujeres desde Grecia y el período medieval europeo a épocas y espacios más cercanos como los siglos XVIII y XIX en Minas Gerais. Se reanudarán los diálogos de la memoria (en la contemporaneidad) sobre este protagonismo, entre tejidos laberínticos de bordadoras, tejedoras e hilanderas ancestrales, a través de estudios literarios (Candido, 1995), culturales (Gonzalez, 2020) y de género (Beauvoir, 1949; Friedan, 1971).

Palabras clave: Ana Maria Machado; mujeres; memoria; narrativa; textualidad.

ABSTRACT: Ana Maria Machado's work asserted itself through writing engaged in sociopolitical issues that, increasingly permeated by intersectional guidelines, continue to show her commitment to being in the world, seeing it as a woman, under various manifestations of the feminine. «O Tao da Teia –Sobre Textos e Têxteis» (2003) is one of the examples of how this writing reveres the production carried out by women from Greece, the European Medieval period to closer times and spaces, such as the 18th and 19th centuries in the full of traditions state of Minas Gerais. Memorialistic and contemporary dialogues about this protagonism will be resumed; between labyrinthine weavings of embroiderers, weavers and ancestral spinners, through literary (Candido, 1995), cultural (Gonzalez, 2020) and gender studies (Beauvoir, 1949; Friedan, 1971).

Key words: Ana Maria Machado; women; memory; narrative; textuality.

Em sua vasta produção literária, entre obras de ficção, jornalismo, ensaios e pesquisa, Ana Maria Machado é consagrada, para muito além da literatura infantil e juvenil, por mais que esta vertente a tenha firmado definitivamente como um dos maiores nomes da Literatura Brasileira. Como acadêmica em Letras, orientada por Roland Barthes, foi também professora, jornalista e autora de obras que revolucionaram o modo de escrever para crianças e adolescentes no Brasil. Escreveu sobretudo acerca de estar no mundo e vê-lo como uma mulher. Perseguida pela ditadura civil-militar brasileira (1964-1985),

foi exilada na década de 1970. E, também dessa experiência, diversos enredos foram tramados, assim como as teias permeadas por muitos outros encontros com tantas tessituras-mulheres ao longo dos tempos.

«O Tao da Teia – entre Textos e Têxteis» resgata enredos discursivos sobre mulheres desde a Antiguidade greco-latina, a Idade Média até tempos e espaços mais próximos como os séculos XVIII e XIX no Brasil, nas Minas Gerais e suas tradições. Ancora na contemporaneidade ecoando vozes que, há tanto silenciadas, seguem na resistência da palavra (Bosi, 2002) a fim de criar suas próprias narrativas. São histórias alinhavadas pela «carga simbólica [...] poderosa, associando útero e tecelagem, cordão umbilical e fio da vida, trama e coletividade» (Machado, 2003: 182) como discursos potentes em textos e vozes remotas a transverberar em sua obra.

Assim, erige uma literatura afeita ao memorialismo, mas também às transformações sociais – como as pautas feministas – e ao debate do lugar social da mulher em termos históricos e políticos. De Homero a Charles Perrault, desfilarão princesas e deusas; entre o Medieval e a Contemporaneidade, tecelãs e operárias; nas mais diversas representações femininas. Todas conduzirão o leitor entre os labirínticos nós das tramas narrativas de bordadeiras e fiandeiras ancestrais.

Neste trabalho, por meio de uma abordagem voltada aos estudos comparados de literatura, de gênero e culturais, o ensaio «O Tao da Teia – sobre Textos e Têxteis» será analisado. E os diálogos com outros autores, tempos e obras serão traçados como potência catalisadora de múltiplas nuances presentes na obra de Ana Maria Machado, entre teias e fios enredados.

1. Teias e texturas

A leitura de «O Tao da Teia» proporciona uma viagem literária que se estende do jardim da memória à folha de papel para mergulhar em Copenhague, Brasília, Bologna, Califórnia e desembocar na Praia da Glória, Matacavalos, Londres, Paris, vilarejos medievais, além de reinos distantes e encantados. Esse percurso apresenta diversas mulheres envoltas em amarras vertidas em narrativas de libertação, inclusive na autoria masculina. Observa, por sua vez, Machado de Assis e Lima Barreto que aludiram, ainda nos séculos XIX e inícios do XX no Brasil – essencialmente patriarcal e escravocrata – à associação das letras às linhas enoveladas pelas personagens femininas em seus livros. Em dialogismos atemporais, a escritora se lança entre essas «cestinhas de linhas e agulhas», para encontrar Capitu. Assim, passaria a destrançar alguns dos nós deixados por

Dom Casmurro (1899), em outra obra intitulada *A Audácia desta Mulher* (1999), de modo a remendar, um século depois, novas pistas oferecidas pelo próprio Bentinho que, no fundo, já sabia: «Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem» (Assis, 1997: 841).

Dessa maneira, serão retomados outros textos e momentos da produção da escritora em movimentos intertextuais e interdiscursivos, assim como a atmosfera que compõe o ensaio «O Tao da Teia». Objetiva-se compreender quais entrelaçamentos estéticos, históricos, estilísticos, sociais, políticos etc. conduzem essa extensa, contínua, relevante e complexa produção literária. Visto que, embora seja muito conhecida por representar um dos maiores exemplos da literatura infantojuvenil brasileira, a autora sempre tocou em diversas questões humanas, sociais e existenciais, para além das classificações dos gêneros literários. Ao desafiar as possibilidades das expressões vocabular, sintática e semântica, especialmente nesse artigo de 2003¹, a escritora realiza uma análise que consegue contemplar, não só aos leitores e estudiosos de sua obra de ficção, mas também de crítica literária, em uma jornada por fios e fios de narrativas através dos tempos.

Além disso, a obra de Ana Maria Machado é composta por narrativas que tratam de questões muito caras à Literatura. E o ensaio traz, ainda que na atmosfera de contação de estórias e histórias, um vasto exercício de análise crítica de sua própria escrita. Letras também enredadas, entre temas, estilos, referências, diálogos com autores e obras universais. Como a história (ou estória?) da aranha do jardim, escondida no diário de 1992, mas resgatada pela memória, descrita logo no início do artigo:

Diante do computador, eu trabalhava. Mas a Luísa, restava o jardim. De repente, ela me chamou com voz vibrante para ver alguma coisa. Aquele tom de voz inconfundível, de maravilhamento, com que nossos filhos tantas vezes nos presenteiam [...] Num dos canteiros, entre uma longa folha lanceolada de um lírio rajado e um galho fino e espinhento de uma buganvília, esticava-se um único fio, tênue, transparente, quase invisível. Por ele andava uma aranha. (Machado, 2003: 173)

Ela emerge, todavia, como uma aranha *matrioska* ao se costurar (de dentro para fora) em outras narrativas repletas de cerzideiras, mas também a

¹ A versão analisada neste trabalho é a de 2003, porém o texto foi publicado em 2001, com o título «Texturas: sobre Leitura e Escritos», pela Editora Nova Fronteira. Foi relançado em 2016, no volume *Ponto de Fuga: Conversas sobre Livros*, composto por outros ensaios e artigos de crítica literária, sob o título «Texturas: O Tao da Teia – sobre Textos e Têxteis», pela Companhia das Letras.

reconstituir as memórias da própria autora, entre filhos, amigos e experiências. Ainda que estivesse escrevendo na ocasião outro livro, explica: «é bem possível que nesse momento tenha começado a nascer minha história 'Fio a fio', que depois acabou saindo em livro com o título de *Ponto a Ponto*» (Machado, 2003: 175). E, por reconhecer as imbricações do *fator literário*, mas sobretudo o inefável² de tudo que aquele instante lhe proporcionou, completa: «Mas evidentemente, como todo texto, ele foi feito de vários fios. Alguns eu posso retrair, outros não» (Machado, 2003: 175).

Dessas memórias, portanto, «O Tao da Teia» partirá e percorrerá a Europa e as travessias mineiras, entre romances que aludem a tempos suspensos, encontrando-se com as narrativas orais de origem ibérica que no Brasil aportaram:

Como havia tanto tempo eu queria, incluía histórias de outras tecelãs e bordadeiras, da Grécia antiga ao interior de Minas, passando pela Europa medieval. Ou seja, ia das *Três Parcas* à *Velha a Fiar*, passando por Penélope (esperta tecelã que eu já revisitara como personagem aludido em meu romance *Alice e Ulisses*), por Ariadne e seu novelo que ajuda a sair de labirintos, pela bruxa da Bela Adormecida, e por outras mais. (Machado, 2003: 177)

Dessa forma, empreende-se uma jornada épica junto aos heróis e mitos antigos nas teias de Moiras, Penélope, Atenas, Aracne, Ariadne e tantas outras mulheres que tecem narrativas e fertilizam o imaginário com suas mãos de bordadeiras e tecedoras de destinos. Esperar o porvir enquanto se bordam caminhos e possibilidades da trama do tecido pode simbolizar, tanto processos de autoconhecimento quanto de reconhecimento de alteridades. A produção artesanal do bordado, assim como a escrita, se dá através da fabulação a partir das próprias mãos criadoras, conduzindo trajetórias

de mulheres que passavam o dia reunidas, tecendo juntas, separadas dos homens, contando histórias, propondo adivinhas, brincando com a linguagem, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação. (Machado, 2003: 181)

O texto se transfigura na coletividade feminina, afirmando a criação e o poder do útero e da terra como símbolos de fertilidade. Gênese operada também por mãos que tecem textos e tecidos como inventividades capazes de abrigar outras possibilidades. Nesse sentido, é essencial, para o exame da

² «Algo **simples e raro**: a vivência de uma sensação de pertencer a uma totalidade, uma percepção próxima daquilo que os orientais chamam de Tao. Algo **indefinível** e que não pode ser posto em palavras.» (Machado, 2003: 174, grifos meus).

obra de Ana Maria Machado, buscar as ressonâncias de sua escrita enovelada a pontos e pontes entre os livros e leitores jovens e adultos.

Entre as vozes femininas reverberadas, a contação de histórias se mescla a práticas cotidianas, até inconscientes, e à arte de enredar narrativas recolhidas do imaginário popular, do folclore e literatura. As histórias femininas envoltas em tessituras históricas e sociológicas percorrem toda a obra, entrelaçada por jogos vocabulares e semânticos. O resultado é um novo universo apresentado aos leitores através de um convite à participação. Ao mesmo tempo que conta, o ensaio indaga e oferece pistas que precisam ser recolhidas porque dialogam com mundos possíveis dentro da imaginação e até antecipados pelo leitor, mas capazes de surpreendê-lo tanto pela subversão, quanto por encantamento e até por meio da provocação dos gêneros literários, assim como os demais textos da autora.

2. Mulheres enredadas em histórias

O «Tao da Teia» é engendrado por reflexões sobre o ser-mulher (Beauvoir, 1949) através dos tempos. Está calcado nas literaturas e histórias, fundindo ficção e realidade que sugerem metáforas atreladas ao ato de tecer que também remete a *texto* em sua etimologia, de origem latina, na Antiguidade. Já da Grécia antiga advêm muitas das narrativas contadas pela autora. E também de um momento único, pleno de *Tao*, entre mãe e filha, na constatação de que a «aranha vive do que tece» (Gilberto Gil), movem-se novas teias de significados a revelarem outros mundos possíveis, em um momento de convalescência e fragilidade, descrito pela autora.

A força de ser mulher, muitas vezes invisibilizada, pode ser aproximada do trabalho extenuante, porém resistente e insistente da aranha, ao tecer suas teias e, naquele instante em suspenso, a maravilhar a narradora e sua filha. Elas também eram fortes e estavam unidas, em cúmplice e companheiro silêncio, a observar o surpreendente processo, na teia sinédoque dos milagres cotidianos, ainda que invisíveis:

Nesse momento, não caía mais. Subia pelo fio. Até certo ponto, apenas. De repente parou e se jogou de novo no espaço, agora para cima, mais uma vez deixando um fio no seu rastro, mas numa direção completamente diferente. Até alcançar outra folha. Depois voltou novamente pelo fio e retomou o processo. Percorria uma certa distância, mudava de direção, lançava-se no vazio secretando das entranhas o fiapo que a sustentava, fixava-o em algum ponto de apoio, retomava parcialmente o

caminho percorrido... Seguia com firmeza um plano matemático rigoroso, como quem não tem dúvida alguma sobre o que está fazendo. (Machado, 2003: 173)

A própria trajetória de Ana Maria Machado, também acadêmica, é retomada a cada «fio» narrativo e a escritora se coloca como uma voz que contempla a alteridade de outras mulheres e, mais ainda, reconhece a diversidade dessas mãos tecelãs ao resgatar narrativas que demonstram a fortaleza de figuras femininas profundamente imbricadas à construção de si mesmas e de outras realidades, apesar das incessantes interdições. Estão unidas em afeto e determinação. A comunhão afetuosa também conduz a narrativa, logo na dedicatória: «Para Ruth Rocha e Marisa Lajolo, mestras de entrelinhas, irmãs nas linhas de escrever e de bordar» (Machado, 2003: 173). Três mulheres da mesma geração, igualmente empenhadas em ressignificar um país, desde os anos 1960, envolto em totalitarismos que subjugavam, não somente a Arte, mas também os corpos femininos a partir de um ponto de vista patriarcal, como terrenos propícios às violências. Contra os olhares habituados (e colonizados) à usurpação da terra, extraíndo-lhe das entranhas a vitalidade; essas três obras seguem irmanadas em resistente defesa das letras e da força criadora das histórias e suas memórias.

O ensaio também dialoga, em chave contrária, com autoras como Michelle Perrot, cujos textos remontam aos séculos XIX e XX, a partir de reflexões acerca das funções destinadas às mulheres. Perrot questiona o lugar da mulher convencionalmente atrelado ao espaço doméstico em suas atividades reclusas e dedicadas ao lar e à família, apontando que «o destino da mulher é a família e a costura» (Perrot, 2005). Retrata a inserção das mulheres na vida pública e nas reivindicações grevistas e suas opressões associadas, inclusive, ao cristianismo e à tendência burguesa do feminismo que afastava as operárias do movimento. O «Tao da Teia» vai de encontro a tais concepções de que os afazeres domésticos como a costura não são maneiras de expressar vivências humanas. Ao contrário, podem representar inclusive protagonismos a partir de subjetividades que a costura associa à própria escrita e à voz. Ou seja, à criação e à expressão. Nesse momento, diversas personagens são retratadas como tecelãs e habilidosas costureiras com inegável função social. Possuem, portanto, o poder de escolha sempre negado às mulheres.

E seguem diversas narrativas da já esquecida força de linhas e bordados e da resistência em traçar caminhos próprios e não destinos impostos. Como no exemplo da tecelã Aracne, moça habitante da Lídia, cuja destreza foi reconhecida como a melhor da região. Segue o excerto da versão latina em *Ponto a*

Ponto (2006), outro enredamento ligado ao «Tao da Teia», especialmente aos leitores infantojuvenis:

Parece que as mulheres não faziam
outra coisa na vida a não ser tecer.
Eram tantas as histórias que a voz contava...
E, pelo jeito, às vezes esse trabalho podia ficar perigoso:
«Há muito, muito tempo, vivia uma moça que era a maior tecelã do mundo.
Os tecidos e tapeçarias que fazia eram tão deslumbrantes que todo mundo se admirava e jurava que nunca tinha visto nada assim perfeito.
Ela foi ficando muito convencida e começou a dizer que tecia melhor do que qualquer outra, até mesmo do que as deusas. Melhor até do que Minerva,
justamente a deusa que lhe ensinara todos os segredos
da arte de tecer. Então a divindade resolveu lhe dar uma lição e desafiou a moça para um duelo de tecelagem. (Machado, 2006: s.p.)

Deixando-se dominar pela vaidade, contrariou Atenas, de quem era discípula. Desse modo, a deusa nas artes – inclusive, a de tecer – disfarçada de anciã, aconselha a jovem a buscar, entre os mortais, toda fama que desejasse, contanto que reconhecesse a sua posição primordial. Aracne continuou arquitetando obras perfeitas, irritando Atenas que a enfeitiçou transformando-a em uma aranha. Condenada, então, a ficar suspensa na perfeita teia, sua arte e história se confundem e se somam ao drama de outras mulheres que, de acordo com a narração, um dia criarão novos destinos, apesar das adversidades:

Herdeiras de Ananse, de alguma forma essas mulheres criadoras de textos e têxteis fazem uma síntese entre Aracne e Ariadne, formando o embrião de uma nova personagem. Talvez a possamos chamar de Ariadne – aquela que tece com perfeição os fios que irão um dia orientar sua própria saída do labirinto, desafiando o patriarca e derrotando o tirano. E criar um novo tecido. Uma trama, talvez. Uma linhagem, certamente. (Machado, 2003: 195)

A narrativa de Penélope também remonta à Antiguidade, ao tecer para esperar o marido Ulisses voltar da guerra de Troia. *A Odisseia*, de Homero, ao narrar esses eventos em torno da jornada do herói, coloca o papel da mulher que consegue astuciosamente escapar dos assédios sofridos. Mostra-se, assim, uma postura ativa da costura. Apresenta-a como um recurso feminino, de se valer das ideias em torno da feminilidade e domesticidade, para deslizar seu sentido em direção a algo maior e surpreendente. Os bordados são representados como subterfúgios de resistência. Penélope, mais do que a esposa que passa anos em fidelidade e resignação, pode ser vista como a arguta mulher que escapou de um casamento imposto por meio das linhas tramadas por suas

mãos. Representam-se diversos enredamentos e traçados. E o próprio leitor é levado a retomar outras narrativas associadas à costura como salvação pelo repertório sugerido. Não deve demorar para surgirem, nesse jogo entre o texto e a memória leitora, moças astutas como Sherazade, que adiou com histórias o seu fim. Desse modo, seguem-se os exemplos de episódios em que as mulheres se mantiveram em vigor e argúcia, ainda que «somente costurando».

3. Fios e pontos

Em *Ponto a Ponto*, com outras histórias também tecidas pela aranha enredada ao diário da narradora, abrem-se as veredas de mais mulheres entrelaçadas por fios do destino, mas com variações entre as fontes gregas e latinas. A narrativa destinada ao público infantil, repleta de enigmas, traz pistas de subjetividades unidas em teias do imaginário e cancionero populares. A tradição das narrativas orais ecoa por meio de uma voz que conta fragmentos de estórias sem nomear autorias ou títulos. Convoca-se à participação do processo decifrador dos códigos linguísticos, históricos, sociais e literários. Apresentam-se caminhos para a formação leitora. Através dos tempos e experiências, as imaginações são alçadas a outros universos que envolvem os leitores na ação mágica de contar.

Narrativas dessa natureza revelam uma tentativa de retorno ao cerne da condição humana mais prosaica de transmitir experiências (e ensinamentos) por meio de gestos, traços e voz. A obra, iniciada por uma narração quase tangível, dada a informalidade vocabular e discursiva, convida à interlocução com tempos e enredos já largamente conhecidos, mas também humaniza a caracterização de uma voz ancestral – *aedo* ou *griot*? – que se irmana aos ouvintes-leitores em comunhão:

Era uma vez uma voz.
Um ffozinho à toa. Fiapo de voz.
Voz de mulher. Doce e mansa.
De rezar, ninar criança,
muitas histórias contar.
De palavras de carinho
e frases de consolar.
Por toda e qualquer andança,
voz de sempre concordar.
Voz fraca e pequenina. Voz
de quem vive em surdina.

Um fiapo de voz que tinha
todo o jeito de não ser ouvido.
Não chegava muito longe.
Ficava só ali mesmo, perto
de onde ela vivia.
Um pontinho no mapa. (Machado, 2006: s.p.)

E imbricado a outras teias, ressurgue o ensaio *Texturas* (2001), o primeiro título de «O Tao da Teia» mencionado como um dos «fios da meada» de *Ponto a Ponto*. Por meio de uma pontinha de questões a serem expandidas em reflexões de diversos níveis, é estabelecida uma ponte entre os leitores da «obra infantil» e os da «obra adulta», diluindo-se os limites impostos ao fazer literário e sua fruição:

Conversinha fiada (com fios cruzados)
Devo reconhecer que escrever esta história foi uma *verdadeira viagem literária - e bem emocionante*. Falar nas relações entre o texto e os têxteis acabou se revelando um mundo tão denso que sobrou coisa demais. Até *desagouo num ensaio específico, publicado separadamente, a que dei o nome de Texturas* e no qual examino mais a fundo o assunto. A quantidade de histórias lindas sobre moças que bordam e mulheres que fiam e tecem é enorme, e eu não podia incluir todas neste *Ponto a Ponto*, para não embarçar o novo. Também não podia contar as histórias inteiras, para não perder o fio da meada. Limitei-me a fazer referência a elas, de forma resumida. (Machado, 2006: s.p., grifos meus)

O texto prossegue esclarecendo as pistas para o desvendamento desse imenso mapa literário. Desfia estórias dentro de estórias em um processo discursivo contínuo de contar e recuperar algumas narrativas que se constituem como diversas identidades entranhadas. Segundo Walter Benjamin (1986), é por meio das histórias já vividas e contadas que o indivíduo cria suas experiências. Desde as narrativas casuais, familiares, cotidianas até as adquiridas com os livros. A pluralidade de emoções perpassa o elo responsável pela constituição dos sujeitos em interação contínua. Uma sociedade que fosse organizada sem essa possibilidade de fabulação (Candido, 1995) estaria privada de seus direitos de narrar e transmitir suas próprias experiências. A ideia de fabular e contar é libertadora e sempre fez parte da natureza humana.

Nesse sentido, pode-se entrever uma discussão ampliada pelo ensaio que, talvez, enseje reflexões sobre o significado das várias tramas da literatura hoje, sobretudo no que se refere aos enredos criados por mulheres, continuamente apagados da memória social. Questão muito pertinente nos dias movidos por preocupações atreladas ao capitalismo, mas sobretudo pelo estímulo à reflexão

acerca da dimensão da habilidade de imaginar que é inerente ao ser humano. Para tanto, retomam-se as ideias do poder humanizador das narrativas por meio de Antonio Candido:

Vista deste modo *a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos*. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de *fabulação* [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, *a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito*. (Candido, 1995: 242, grifos meus)

Do direito à imaginação e à necessidade de trocas e afetos, Ana Maria Machado desenrola o novo de «O Tao da Teia». E, ainda que se trate de ensaio e não ficção, quase se pode ouvir sua voz. Essa magia reside também no fato de que a narração é um fenômeno cada vez mais raro na contemporaneidade tomada por uma urgência implacável de tecnologias e suportes digitais. Da «otimização» das relações humanas, emerge o retrato de uma sociedade pautada pela imposição técnica de instrumentalizar as mais prosaicas ações e sua própria condição no intuito de demonstrar mais produtividade. As crianças estão cada vez mais privadas da fruição do tempo. Desempenham diversas tarefas que, muitas vezes, lhes impedem de observar o misterioso trabalho de uma aranha. E, na ausência do ato narrador –substituído por *tablets* e *smartphones*, já que todos estão muito ocupados– se configura a perda da potencialidade, entre as gerações contemporâneas, de transmitir, por meio da palavra, suas experiências (Benjamin, 1986).

Deflagram-se, diante disso, interações efêmeras e incapazes de manter os elos prosaicos em que se manifeste o simples ato de contar de si e escutar o outro. O ensaio não traz essa problemática diretamente, mas provoca o desejo de ouvir diversas narrativas que talvez tenham ficado em algum lugar em que a vida era menos observada digitalmente e mais ouvida, saboreada e sentida. Por fim, pode-se dizer que «O Tao da Teia» também alude à experiência da jornada e ao retorno a si mesmo, após o transformador processo de autoconhecimento, costurando-se por dentro, de modo indizível.

Na descrição os vocábulos que constroem o texto e suas relações de sentido estão imbricados com a arte da tecelagem. Tarefa que na Antiguidade podia ser associada a seres mitológicos e divindades. Ação também conexa à voz e ao protagonismo feminino transmitido pela contação das estórias, pelas tradições orais e ensinamentos ancestrais preservando memórias e caminhos de

reflexão entre os engendramentos de *Ponto a Ponto* a (tantas) «Texturas» que se confundem e igualmente comunicam a adultos e crianças:

Até que, um dia, tudo saiu da linha. Com a dona da voz. Não quis mais aquela vida de tricô, sempre uma carreira depois da outra, tudo igual, ponto a ponto, laçada a laçada, de uma agulha para outra, vai e vem. Para agasalhar os outros. Da correnteza do rio para a reza da igreja. Pra lá, pra cá. Sem ir adiante. Corrente e cruz. Cruz e corrente. Mas a dona da voz seguiu o fio do pensamento e achou que podia ser diferente. (Machado, 2006: s.p.)

E, talvez, por se tratar de uma narrativa próxima à oralidade de uma conversa informal, que também utiliza no ensaio, a autora tenha deixado escapar quais foram as fontes das estórias ali contadas. Como em um jogo de adivinhas em que, após muita insistência dos participantes da brincadeira, o enigma é revelado. Desde «A Velha a Fiar» do folclore mineiro, «As Parcas», da mitologia grega, até outros contos europeus, ou os populares *Contos da Carochinha* (1894), de Fernando Pimentel.

Para além das tramas que versam sobre o mesmo objeto (teias textuais femininas), como as analisadas até agora, é preciso considerar que a trajetória de Ana Maria Machado também sempre esteve enredada em questões muito caras, não somente à Literatura, mas à sociedade brasileira. Em *Uma, Duas, Três Princesas* (2014), por exemplo, retoma-se a figura da princesa e é subvertido o esperado de uma representação feminina frágil. A jornada épica é desempenhada pelas princesas do título a fim de salvar todo o reino. Seguindo a mesma ideia de desconstrução dos estereótipos na literatura infanto-juvenil, a autora já havia escrito *Menina Bonita do Laço de Fita*, em 1986, antecipando de maneira sensível e lúdica alguns aspectos de valorização da representatividade negra na literatura infantil. Apesar de não ser uma obra centrada na discussão da identidade negra, a abordagem dessas questões, nos anos 1980, foi significativa. Em uma época na qual muitos preconceitos estavam naturalizados nos conteúdos de entretenimento consumidos pelas crianças brasileiras, em programas televisivos, séries, novelas e músicas, seus livros representam a vanguarda da literatura infantojuvenil. Certamente tais iniciativas de suas obras contribuíram para o atual movimento de reparação de muitas violências raciais e de gênero (Gonzalez, 2020) que rondaram a Literatura Brasileira desde o início.

4. Considerações finais

Esse artigo, no enredamento entre narrativas reais e fictícias, parece se fundir à própria subjetividade da autora/narradora, Ana Maria Machado, diante da escrita e de sua formação leitora, como veredas inseparáveis. Ler, escrever e criar, assim como costurar, bordar, tecer, sempre estiveram associados, por mais díspares que pudessem parecer. São, inclusive, mostrados em «O Tao da Teia» como aspectos das existências femininas (Friedan, 1971) entremeadas a lutas constantes, desde as operárias costureiras até as preceptoras dos séculos XVIII e XIX.

Entretanto, as ancestralidades de identidades femininas se apresentam no artigo como descobertas do mundo que, se sozinhas, pareceriam pequenas linhas quase invisíveis, mas em seu trabalho aparentemente diminuto persistem realizando obras extraordinárias como aquela feita pela aranha e observada por Luisa. São, como a narradora contou, «[h]erdeiras de Ananse» e representam a «síntese entre Aracne e Ariadne», ao criarem seus próprios destinos continuamente transverberados na força que move a obra machadiana.

Referências bibliográficas

- Beauvoir, Simone de. (1980). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Benjamin, Walter. (1986). «O Narrador». Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, vol. 1.
- Bosi, Alfredo. (2002). *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Candido, Antônio. (1965). *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Candido, Antônio. (1995) «O direito à literatura». En Candido Antônio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul / São Paulo: Duas cidades, 235-264.
- Friedan, Betty. (1971). *A Mística Feminina*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada.
- Gilberto Gil. (2017). «Oriente». *Expresso 2222*. São Paulo: Universal Music, CD.
- Gonzalez, Lélia. (2020) «Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira». Rios, Flavia; Lima, Márcia (Org.) *Por um Feminismo Afro Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 74-93.
- Machado, Ana Maria. (1999). *A Audácia dessa Mulher*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Machado, Ana Maria. (2003). «O Tao da Teia: sobre Textos e Têxteis». *Estudos Avançados* 17, vol. 49, 173-196.
- Machado, Ana Maria. (2014). *Uma, Duas, Três Princesas*. São Paulo: Anglo.
- Perrot, Michelle. (2005) *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru: Edusc.

